

Reação em Nova Iorque anima BC

Nova Iorque — A reação dos bancos não foi tão negativa, como se esperava, ante a decisão do Brasil de suspender o pagamento dos juros de sua dívida, disse o diretor da Dívida Externa do Banco Central do Brasil, Antônio de Pádua Seixas.

Seixas se reuniu ontem com o Comitê de Bancos para dar detalhes sobre as medidas anunciadas pelo presidente José Sarney, na sexta-feira passada, e tanto ele como um banqueiro insistiram em que se trata de reuniões informativas e não de negociação.

Um integrante do Comitê de Bancos disse que “em um ambiente de tranqüilidade estamos escutando as informações que nos dá o Sr. Seixas. Depois analisaremos a situação e esperamos a chegada de Funaro para iniciar as negociações, pensamos que março será um mês de negociações intensas com o Brasil”.

Indagado sobre o clima da reunião, Seixas disse que “a reação dos bancos, ante a decisão do Brasil, foi menos negati-

va do que se esperava” e comentou que, segundo parece, alguns banqueiros aguardavam essa decisão e “talvez até medidas mais drásticas”.

Interrogado a respeito de uma declaração de um economista americano, reproduzida pelo jornal **The New York Times**, de que o acordo entre o Brasil e os bancos giraram em torno de um acerto estilo Fundo Monetário Internacional, mas sem a participação direta do FMI, Seixas disse que “a posição do Brasil continua sendo absolutamente a mesma do passado e assim continuará no futuro: não adotar um plano inspirado pelo FMI”. Acrescentou Seixas que “não se discutiu” essa possibilidade.

Além disso, Seixas disse que não se realizou nenhuma negociação e que ele não apresentará nenhuma proposta, já que “isso corresponde ao ministro Funaro”, que é esperado no fim desta semana nos Estados Unidos.

Seixas se reunirá amanhã na sede do Banco do Brasil, com

representantes de bancos e agências do Governo Brasileiro, para receber informes sobre a situação dessas entidades.

O jornal **The New York Times**, analisando a situação do Brasil, disse que banqueiros e economistas esperam que este país aceite um pacote de reformas “similares” a um programa econômico do FMI e, em troca, os bancos comerciais lhe farão novos empréstimos e reestruturarão parte da dívida.

Além disso, cita Juan Carlos Wiss, analista perito em Brasil, da empresa consultora multinacional **Strategies**, que diz que “no curso dos próximos dias espero algum tipo de acordo ao estilo do Fundo Monetário Internacional”. Porém, o próprio Funaro já descartou essa saída em diversas declarações no Brasil.

Se finalmente se chegar a um acordo com o Brasil, seria o primeiro concedido pelos bancos a um devedor importante sem um entendimento com o Fundo, o que pode criar um precedente para outras negociações similares.